

A DOENÇA BEM ACEITA É UMA GRAÇA

A ACEITAÇÃO DA DOENÇA COM BASE NO EXEMPLO DE

SÃO GASPAR BERTONI

Fundador dos Estigmatinos



Pe. Benedito A. Bettini, CSS
1994

Neste opúsculo, Pe. Bettini teve a felicidade de unir a sua experiência de mais de 40 anos de sacerdócio, principalmente no atendimento aos doentes, ao conhecimento da vida do fundador da Congregação à qual pertence, São Gaspar Bertoni, que fez de sua enfermidade um instrumento de redenção e louvor a Deus.

1. INICIANDO...

VOCÊ É DOENTE?

VOCÊ ESTÁ DOENTE?

JÁ ESTEVE DOENTE?

JÁ CUIDOU DE ALGUM DOENTE?

Se você responder negativamente a estas perguntas, pode ser que você não vá entender o que segue. Mas... em todo caso, é bom ler, porque um dia poderá precisar saber estas coisas, e então será fácil encontrá-las.

2. Tentando compreender a doença

“Quem já experimentou em si mesmo ou conviveu com um parente ou amigo com uma doença séria, sabe como a pessoa doente pode ficar abalada, exterior e interiormente. O doente é tirado de sua vida normal, de sua profissão e da sociedade. A experiência de fraqueza, isolamento, medo, dores físicas e espirituais pode levá-lo ao desânimo e ao desespero. A doença nos mostra que não somos os donos da saúde e da vida.

Sem dúvida, a doença pode também fazer amadurecer em nós forças desconhecidas. Ela pode nos levar a uma compreensão mais profunda da brevidade e transitoriedade de muitas coisas que, normalmente, parecem importantes demais e exigem toda a nossa atenção. A doença pode ajudar a estabelecer um relacionamento novo e melhor com aqueles que estão ao nosso redor, especialmente na família. Ela pode nos levar a descobrir e refletir sobre as questões mais fundamentais da vida. Ela é um desafio para uma vida mais ligada e mais unida a Deus.”

Por aí você já percebeu que a doença não é simplesmente algo de negativo. Como consequência da natureza humana e, podendo atingir a todos, deve ser encarada como coisa muito séria e que deve ser levada ou aceita com espírito humano e cristão.

A doença não é um castigo de Deus. Infelizmente, é consequência da liberdade e da natureza humana.

O homem nasce, cresce, atinge a idade madura, envelhece e morre.

Como, porém, ele é livre, pode abusar da sua natureza e contrair uma enfermidade.

Ou, então, pode ser forçado a algo que o leve à enfermidade.

Ou, ainda, já nascer com a enfermidade.

Mais detalhado:

1. Pode abusar comendo ou bebendo demais, esforçando-se além do limite, entregando-se a algum vício etc.
2. Às vezes deve trabalhar ou viver em lugares insalubres, ser forçado por outros a fazer algo prejudicial a si mesmo, ou então sofre a consequência de abuso ecológico.
3. A natureza tem seu ritmo e suas regras; se alguém abusa do primeiro, ou transgredir a segunda, pode levar outros a sofrer a consequência. Por exemplo: um motorista que “enche a cara” pode sair no trânsito e matar ou ferir um inocente. Como, também, alguém que bebe demais pode gerar filhos com uma infinidade de consequências.

Temos que admitir, pois, que a doença não é um castigo, mas uma consequência.

3. Um pouco de reflexão

Humanamente falando, gosto de ler as frases que mostram a sabedoria popular, e aplicá-las em tudo.

Por exemplo: “Se a vida lhe deu um limão. faça uma limonada”.

Eu digo: se a vida lhe deu uma doença, faça dela uma fonte de graças.

Outro: “Já que não posso ter tudo que amo, amo tudo que tenho”.

Eu digo: já que não posso ter a saúde que quero, aceito a doença que tenho.

Se você tentar fazer o que venho fazendo há muito tempo, vai ver que a vida se tornará muito mais fácil de ser vivida nos momentos difíceis.

É a filosofia de aceitar o que se tem, quando não se pode ter o que se deseja.

É o meio de juntar os desejos (muitas vezes absurdos) com a realidade (muitas vezes difícil).

No sentido espiritual, é bom ler trechos da Sagrada Escritura para daí tirar força, coragem e graça, a fim de enfrentar os problemas de saúde.

Devemos estar sempre conscientes de que, conforme as palavras do apóstolo São Paulo, pela doença e pelo sofrimento “completamos em nossa carne o que falta às tribulações de Cristo, em favor do seu corpo, que é a Igreja” (Cl 1,24).

Nos momentos mais difíceis, quando o sofrimento é intenso, repitamos: “Meu Pai, se não é possível que isto passe sem que eu o beba, seja feita a tua vontade!” (Mt 26,42).

“Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados” (Mt 5,6).

“Estreita é a porta e apertado o caminho que conduz à vida” (Mt 7,14).

“Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mt 16,24).

Não tenho a menor intenção de discutir com quem não tem a mesma idéia. A minha vontade é cooperar com quem está ou é doente, no sentido de aproveitar ao máximo a situação que vive.

Não é uma situação fácil, mas pode ser uma situação frutuosa. E não é porque estou ou sou doente que devo julgar-me um imprestável ou um estorvo. Devo aceitar a minha situação e vivê-la com fruto e sem desânimo.

4. Alguns casos dignos de nota

Quando ainda jovem e cheio de saúde, fui visitar uma moça com dezoito anos e parálitica da cintura para baixo. Ela estava na época das operações e das esperanças. Muitos iam à sua casa para levar-lhe conforto, e acredito que também para receber conforto. Eu mesmo fui lá muitas vezes para vê-la e constatar que todos os meus problemas nada eram em comparação com os seus. Eu tinha problemas, mas tinha saúde. E o problema dela era a saúde. Sempre que eu levava-lhe a comunhão, ela dizia: “Padre, reze para que eu possa ficar boa e andar”.

Depois de mais ou menos um ano, não me lembro bem, ela me disse, um dia: “Padre, não reze mais para eu sarar. Cheguei à conclusão de que faço mais bem para os outros, parálitica aqui em casa, do que se ficar boa. Aqui posso dar muito mais apoio para gente desanimada”. E, de fato, ela não sarou. Mas até hoje ainda continua um exemplo de aceitação da doença, e fazendo um bem imenso para quem a visita.

Um dos nossos missionários escreveu que em Estiva, MG, encontrou uma senhora que, após 35 anos de cama, sabia agradecer a bondade de Deus que lhe dava tantos benefícios.

Aqui no Estado de São Paulo uma senhora, quando fez 25 anos de cadeira de rodas, mandou celebrar uma Missa em ação de graças pela sua paralisia.



No mesmo instante o menino começou a melhorar

5. Um ótimo exemplo de quem viveu graves enfermidades

E, agora, gostaria de apresentar a vida de um homem que foi doente muito tempo, e salientar duas coisas muito importantes:

- a) como suportou a doença;
- b) o que fez, apesar da doença.

Ele viveu 76 anos. Os primeiros 35 passou-os bem e com saúde. Daí começaram as doenças e não o deixaram mais. Os últimos onze anos passou-os, praticamente, na cama.

Trata-se de São Gaspar Bertoni, fundador da Congregação dos Estigmatinos.

Alguém escreveu sobre ele o seguinte: “Deus o uniu ao Cristo, não com os trabalhos do Ministério, mas com sua Paixão, com a doença, com os sofrimentos, e com a prisão na cama por longos anos”.

GASPAR Luiz Dionísio BERTONI nasceu em Verona, Itália, aos 09 de outubro de 1777, de Francisco Bertoni e Brunora Ravelli.

O pai, tabelião, e, tentando administrar suas propriedades, esteve quase sempre ausente da família.

A mãe, mulher de grande fé, prudência e fortaleza cristã, soube levar a cruz da união conjugal pouco feliz, e cuidar muito bem da educação do filho.

Durante a infância, Gaspar perdeu uma irmãzinha e viu morrer vários parentes em sua casa.

Seus estudos desenvolveram-se normalmente.

“Aos dezoito anos defrontou-se com a decisão mais importante de sua vida. O ideal do sacerdócio já havia brilhado aos seus olhos.”

Freqüentou os cinco anos de Teologia como aluno externo, numa época particularmente borrascosa.

Ao ritmo dos canhões, das marchas militares, do vaivém dos exércitos de Napoleão Bonaparte, Gaspar foi ordenado sacerdote aos 20 de setembro de 1800.

Por ordem do vigário assumiu o trabalho com os jovens da Paróquia. Desse trabalho surgiram os Oratórios Marianos, que tanto bem fizeram à Diocese de Verona.

Foi diretor espiritual do Seminário de Verona e professor. Enquanto lecionava, não se esquecia de que era sacerdote, e sempre levava algum pensamento edificante aos alunos.

Aos 4 de novembro de 1816, na Igreja dos Estigmas, em Verona, reúne-se com quatro companheiros, fundando assim a **Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo**, popularmente Estigmatinos, com a finalidade de dar aulas para crianças pobres e trabalhar em auxílio dos Bispos.

+

Logo após a fundação da sua Congregação, Pe. Bertoni passou a viver com seus companheiros uma vida sacrificada e mortificada. A casa e a Igreja estavam em péssima situação.

Resolveu-se reformar o conjunto, e as obras já estavam adiantadas quando, na tarde do dia 29 de abril de 1825, S. M. Francisco I e Esposa, o filho, Príncipe Francisco Carlos José, o Vice-Rei da Itália, Ranieri, e Ministros de Estado, chegaram em visita.

Pe. Gaspar, a quem suas dores lhe deixavam às vezes momentos de melhora, se arrastou pelas salas de aula, e, através dos andaimes da construção, explicava ao Imperador o que se havia realizado, e o que ainda haveria de fazer.

O espírito de penitência foi sempre a nota principal daquela comunidade.

Sua caridade para com os doentes foi impressionante.

Desde jovem, dedicava um grande amor a Nossa Senhora. Estava convencido de que Cristo não seria formado em nós a não ser que fosse de novo gerado pela Virgem. “Maria tornou nosso coração templo de seu Filho”.

Pe. Gaspar nutria profundo amor e submissão ao Papa, como Vigário de Cristo. E manifestava sua admiração por atos de veneração e respeito. Dizem que se ajoelhava para ler os documentos pontifícios.

Homem profundamente confiante em Deus, era totalmente desapegado dos bens materiais. Mais de uma vez renunciou heranças que lhe foram deixadas.

Diz uma testemunha: “Admirava em Pe. Gaspar a santidade nobre, cortês, generosa, o sorriso celestial, aquela graça suave, aquela caridade que se enternecia com os sofrimentos e preocupações dos que dele se aproximavam para conselho e ajuda”.

Foi conselheiro esclarecido e cooperador prudente de vários fundadores, em suas obras: Serva de Deus Leopoldina Naudet, Pe. Antônio Rosmini, Pe. Nicolau Mazza, Pe. Antônio Provolo, Madre Teodora Compostrini, Pe. Marco Antônio Cavanis etc.

Pe. Antônio Bresciani afirmava: “Pelo que sei, em Verona ninguém empreendeu uma obra de Deus sem consultar Pe. Gaspar. Os homens sérios e espirituais se deixavam guiar pelos seus conselhos nos problemas da alma e nos de suas condições domésticas ou civis, quer particulares como públicas. Quando um dizia: “estou sem saber o que fazer com este problema”, se lhe respondia logo: “consulte o Pe. Gaspar”.

O afluxo ao quarto do santo não pode ser definido melhor que: contínua peregrinação.

O Imperador Fernando deu sua chegadinha durante as festas outonais de 1838. À hora da despedida solicitou as orações do Pe. Gaspar.

+

Sua saúde foi declinando cada vez mais. As doenças foram se acumulando e não se encontrava explicação para tudo isto, senão uma disposição da divina Providência. Pe. Gaspar deveria ser uma imagem de Jesus Crucificado.

A suavidade de suas maneiras se conservou inalterada. Sua alegria o ajudava a poder encobrir a agudeza dos tormentos.

Lembrando as habilidades cômicas da mocidade, tinha sempre nos lábios versos e piadas, com que animava os que lhe prestavam serviços.

Às vezes a brincadeira se referia a uma comida, e mesmo a um remédio, que lhe causavam enjôo, mas que tomava como se fosse a coisa mais agradável.

Nos últimos meses, seus sofrimentos aumentaram de maneira impressionante.

“Se soubessem, meus filhos, que aflição sinto! Que dor! Que mal-estar! Creiam que me desesperaria se não fosse a graça de Deus.”

Aos irmãos e padres que ouviam seus gemidos e lhe perguntavam se precisava de alguma coisa, respondia sempre: “Não se incomodem com minhas amolações. Quando precisar os chamarei”.

Para enfrentar tudo isso, invocava freqüentemente a Jesus e Maria, rezava o terço e fazia outras piedosas orações.

No dia 12 de junho de 1853, Pe. Gaspar recebeu a comunhão, de manhã, como de costume. Depois do meio-dia entrou em desfalecimento mortal. Agradeceu a seus religiosos, confessou-se e recebeu a Unção dos Enfermos. Acompanhou todas as cerimônias com espírito de recolhimento.

Entrou em agonia, recebeu a bênção apostólica, e, enquanto se recitavam as derradeiras orações, sem um gemido sequer, entregou sua alma a Deus.

Eram três horas da tarde!

6. Enfocando as enfermidades de Pe. Gaspar

Agora que já conhecemos a vida de São Gaspar, que foi um mestre em aceitar a doença, vamos resumir todo o desenvolvimento de sua enfermidade.

No início de 1812, quando Pe. Gaspar tinha 35 anos, foi atingido por uma febre violenta. A falta de repouso e o trabalho intenso talvez enfraqueceram seu físico, tornando-o muito vulnerável.

As condições de Pe. Gaspar com a febre foram gravíssimas. No domingo 25 de outubro fez o seu testamento. À sua cabeceira estiveram vários padres. Mas ainda estávamos longe do fim.

Em maio de 1819 Pe. Gaspar estava nova e gravemente enfermo. Melhorou um pouco e recaiu outra vez em 1821. Mas também desta vez se restabeleceu. Sua saúde, porém, tornou-se fraca para sempre.

Em 1824 voltam de novo as enfermidades de Pe. Gaspar. Na sua perna direita apareceu um tumorzinho, que foi aumentando, até atingir o joelho. Começaram logo as primeiras intervenções cirúrgicas, que foram longas e dolorosíssimas, até 1827. O próprio Pe. Gaspar escreve: “fiquei debaixo de ferros e bisturis”.

Em 1828 teve uma melhora, depois de uma recaída que muito preocupou. Por diversos anos pode continuar suas atividades: a doença deu-lhe paz por catorze anos. Esteve em pé, mas era um doente crônico. A vista curta e a perna não firme limitavam seus movimentos, e o medo de uma recaída não mais o deixaram.

O último período da doença de Pe. Gaspar começa em 1842. Estava com 65 anos; os onze anos restantes foram testemunhas do seu sofrimento.

Quando chegou o fim, Pe. Gaspar estava totalmente consumido pela enfermidade; os últimos trinta meses ele viveu num estado desolador, quase paralisado.

Quando um confrade perguntou-lhe baixinho ao ouvido se precisava de alguma coisa, respondeu: “Preciso sofrer”.

7. Entendendo como Pe. Gaspar viveu a doença



Mesmo de cama e sofrendo muito, Pe. Gaspar pregava retiros

Agora é possível ver como Pe. Gaspar sentia e aceitava a doença.

Ele viveu a doença na perspectiva da fé, como uma luz religiosa, como significado de salvação. Ele achava que Deus quer nossa salvação também através da doença, e, como consequência, do sofrimento.

Era muito comum ele chamar a doença de “**ESCOLA DE DEUS**”.

Numa de suas cartas, escreveu: “Peço-lhe, por caridade, que reze para que eu tire fruto da escola que Deus se digna de conceder-me, e que eu esteja sempre disposto a servi-lo”.

Diz ele que a enfermidade pode tornar-se ocasião de graças, instrumento de redenção.

As doenças são ocasiões que nos dá a misericórdia de Deus para perdoar muitas faltas que cometemos e não fazemos penitência. Não se agradece a Deus com saúde; não a usamos totalmente para trabalhar pela nossa salvação; perde-se tempo; agimos com negligência; esquecemo-nos de Deus.

8. Algumas Recomendações

Nas doenças, devemos:

1. Aceitá-las com todas as suas conseqüências, com perfeita submissão.
2. Aceitá-las com sincero reconhecimento e gratidão para com Deus, que as permite por um ato de sua misericórdia.
3. Não pensar tanto em nossos males; mas no que Deus, que é médico de nossas almas, quer de nós.
4. Pensar na morte e nas suas conseqüência (este pensamento deve ser positivo: morte quer dizer ir para Deus e receber os merecimentos que adquirimos durante a vida).
5. Pedir a saúde sem forçar a Deus.
6. Na convalescença, não julgar que estamos dispensados de todas as leis e de todos os deveres. Os primeiros passos, depois de uma doença, deveriam ser até a Igreja.

Também Pe. Gaspar sentiu, e muito, a doença, até quase chegar ao desespero por causa das dores, como ele mesmo disse, se não fosse ajudado pela graça de Deus. “Jesus, Maria! Ó Deus - exclamava - não aguento mais!”.

9. O Sacramento dos doentes

Não se pode falar de doença ou de enfermo sem se lembrar da **UNÇÃO DOS ENFERMOS**. Este é o Sacramento dos doentes.

São Tiago, na sua carta, diz: “Alguém dentre vós está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja, para que orem sobre ele, ungindo-o com óleo, em nome do Senhor. A oração da fé salvará o doente, e o Senhor o porá de pé; e, se tiver cometido pecados, estes lhe serão perdoados”. (Tg 5,14-15)

É importante lembrar que o Sacramento é UNÇÃO DOS ENFERMOS, e não “extrema unção”. Não é para ser dado somente, é para ser recebido. Portanto, de modo geral, o doente deve participar do Sacramento. Só em caso extremo, e que não possa receber antes, é que se dá a unção sem a participação do doente.

O Sacramentário da Igreja diz, a respeito da Unção dos Enfermos: “O sacerdote que vai ministrar a Sagrada Unção... organize a celebração e escolha as orações e a leitura da Bíblia. Todas estas coisas, o quanto possível, sejam resolvidas com o próprio enfermo ou pessoas da família”.

Por aí se vê que o doente deve estar consciente.

É bom conhecer uma das orações da Unção dos Enfermos, para que, além da saúde, a Igreja pede ainda mais graças para o enfermo, e que ele se restabeleça e continue as suas atividades:

“Oremos. Curai, Redentor nosso, pela graça do Espírito Santo, os sofrimentos deste enfermo. Sarai suas feridas, perdoai seus pecados, e expulsai para longe dele todos os sofrimentos espirituais e corporais. Concedei-lhe plena saúde de alma e corpo, a fim de que, restabelecido pela vossa misericórdia, possa retomar suas atividades. Vós que sois Deus...”

Para terminar, fica aqui uma lembrança do Salmo 89: “A setenta anos vai a duração de nossa vida, fato notável quando chega a oitenta! A maior parte deles, porém, sofrimento e vaidade”.

10. Finalizando

Para os que não estão doentes,
ou nunca estiveram doentes,
é muito difícil entender
o que é a doença.

Os que estão doentes,
ou são doentes,
devem entendê-la
para aceitá-la
e tirar proveito dela.!



“Preciso sofrer” foi uma de suas últimas palavras